

Biografia Preta

Documento Educacional para Apoio ao Professor

Documento educacional - Enedina Alves Marques

Gerado em: 20/04/2026, 02:46:23 | Versão pipeline: 1

Aqui está o documento educacional sobre Enedina Alves Marques, produzido conforme as especificações.

****BLOCO 1 — Quem foi Enedina Alves Marques****

Imagine o Brasil em 1945. A Segunda Guerra Mundial termina, e o país vive os últimos momentos da Era Vargas. Agora, imagine uma sala de formatura de engenharia na Universidade do Paraná. O que você vê? Homens. Brancos. E, em uma turma de 32 formandos, uma única mulher. Negra. Seu nome é Enedina Alves Marques. Ela não está ali por acaso, nem por concessão. Está ali porque, durante cinco anos, trabalhou como empregada doméstica e babá para pagar seus estudos em uma das áreas mais elitizadas e masculinas da época.

Enedina não é apenas um nome em uma lista de pioneiras. Ela é a materialização da resistência a um projeto de país que, mesmo após o fim da escravidão, continuava a reservar para a população negra os lugares de subalternidade. Nascida em 1913, filha de um lavrador e de uma empregada doméstica que migraram do campo para a cidade em busca de sobrevivência, sua trajetória desafia a lógica do racismo estrutural. Ser uma mulher negra no Brasil de sua época significava ter o destino traçado para o trabalho braçal e o serviço doméstico. O acesso à educação, especialmente a superior e técnica, era uma barreira quase intransponível, guardada por preconceitos de raça, gênero e classe.

A história de Enedina Alves Marques nos força a enxergar a história da modernização brasileira por outro ângulo. Suas mãos e sua inteligência ajudaram a construir algumas das maiores obras de infraestrutura do sul do Brasil, como a Usina Hidrelétrica Capivari-Cachoeira. Ela não foi uma espectadora do progresso; foi uma agente dele, em um campo que sistematicamente a rejeitava. Sua jornada não é uma história de superação individual que redime o sistema, mas sim um testemunho poderoso da agência e da determinação de quem se recusa a aceitar o lugar que lhe foi imposto.

Sua vida nos deixa uma pergunta fundamental, que ecoa até hoje nas salas de aula e nos canteiros de obra: o que significa, para a história da tecnologia e do desenvolvimento no Brasil, que uma de suas obras de infraestrutura mais importantes tenha sido calculada e fiscalizada por uma mulher negra que, poucas décadas antes, sequer teria permissão para aprender a ler?

****BLOCO 2 — Contexto histórico****

Enedina Alves Marques (1913-1981) viveu em um Brasil de profundas e violentas contradições. Sua vida atravessou a Primeira República, a Era Vargas, um breve período democrático e quase toda a Ditadura Militar. Foi uma era de discursos de modernização, industrialização e construção da identidade nacional, mas essa modernidade era excludente. Para a população negra, o período pós-abolição não significou integração, mas sim uma nova forma de exclusão, agora amparada por teorias de racismo científico e pela marginalização econômica nas cidades em crescimento, como sua Curitiba natal.

Durante sua juventude e formação, nas décadas de 1930 e 1940, o Brasil sob Getúlio Vargas investia em infraestrutura e na formação de um corpo técnico para levar o país ao "progresso". Contudo, esse projeto era desenhado para a elite branca. As universidades eram espaços restritos, e profissões como engenharia, medicina e direito eram domínios quase que exclusivamente masculinos e brancos. Enquanto as mulheres conquistavam o direito ao voto em 1932, na prática, o acesso a espaços de poder técnico e intelectual continuava sendo brutalmente negado, especialmente para mulheres negras.

Nesse cenário, a luta por direitos e reconhecimento se organizava em movimentos como a Frente Negra Brasileira (1931), mas o racismo estrutural operava de forma implacável. Para uma mulher negra, filha de trabalhadores pobres, o caminho naturalizado pela sociedade era o trabalho

doméstico, um eco direto do passado escravocrata. A decisão de Enedina de cursar engenharia em 1940 não foi apenas uma escolha de carreira; foi um ato de confronto direto com as estruturas que definiam quem podia ou não podia construir o Brasil.

****BLOCO 3 — Contribuições em detalhe****

As conquistas de Enedina Alves Marques não podem ser vistas como fatos isolados. Cada passo de sua carreira foi dado sobre um terreno hostil, o que torna suas realizações ainda mais significativas.

O Pioneirismo na Engenharia (1945)

Em 15 de dezembro de 1945, Enedina concluiu o curso de Engenharia Civil na Universidade do Paraná (atual UFPR). Com isso, ela se tornou a primeira mulher a se formar em engenharia no estado do Paraná e a primeira engenheira negra do Brasil. Este não é um título simbólico. Em uma turma de 32 homens, sua presença era uma anomalia para os padrões da época. Ela quebrou, com sua própria existência naquele espaço, a tripla barreira de raça, gênero e classe que protegia a engenharia como um clube masculino e branco. Sua formatura não foi apenas uma vitória pessoal, mas uma fresta aberta à força em uma porta trancada para futuras gerações.

A Carreira no Estado e a Liderança Técnica (décadas de 1940 e 1950)

Após se formar, Enedina não ficou à margem. Em 1946, foi nomeada auxiliar de engenharia na Secretaria de Estado de Viação e Obras Públicas do Paraná (SVOP). Sua competência a levou a ser reclassificada, por concurso, como engenheira titular em 1951. Mais do que isso, ela assumiu a chefia de uma divisão na Companhia Estadual de Águas e Energia Elétrica. Esta posição de liderança era inédita para uma mulher — e impensável para uma mulher negra — em um órgão técnico estatal no Brasil. Ela não apenas entrou no sistema, mas ascendeu nele por mérito comprovado, liderando equipes majoritariamente masculinas e brancas.

As Grandes Obras de Infraestrutura

O legado de Enedina é concreto, literalmente. Ela participou de projetos que transformaram a paisagem do Paraná. Sua contribuição mais notável foi na concepção e fiscalização da Usina Hidrelétrica Capivari-Cachoeira, na época a maior usina subterrânea do sul do país. Seu trabalho envolveu complexos levantamentos topográficos e a garantia da precisão técnica em uma obra de enorme envergadura, que até hoje gera energia. Além disso, atuou no planejamento e fiscalização de edifícios públicos em Curitiba, alguns dos quais são hoje tombados como patrimônio histórico, integrando seu legado técnico à memória urbana da cidade.

O Reconhecimento Extraordinário (1962)

Em 1962, aos 49 anos, Enedina Alves Marques se aposentou. O governo do Paraná concedeu-lhe proventos equivalentes aos de um juiz de estado. Este ato não foi um favor, mas o reconhecimento formal e extraordinário de uma carreira de excelência. Em uma sociedade que relutava em reconhecer a humanidade e a capacidade de pessoas negras, essa aposentadoria especial funcionou como uma declaração de que sua contribuição era inquestionável e de valor imenso para o estado, forçando o sistema a reconhecer, em termos financeiros e de status, a competência que ele tentou inicialmente barrar.

****BLOCO 4 — Por que isso importa hoje****

A trajetória de Enedina Alves Marques é um contraponto fundamental às narrativas que apagam a presença negra nos espaços de ciência e tecnologia no Brasil. Hoje, quando discutimos a baixa representatividade de mulheres, especialmente mulheres negras, nas carreiras de STEM (Ciência, Tecnologia, Engenharia e Matemática), a história de Enedina serve como uma referência histórica poderosa. Ela nos lembra que essa ausência não é natural, nem resultado de falta de capacidade, mas sim um projeto histórico de exclusão que foi, e continua sendo, ativamente desafiado.

Seu nome inspira programas de inclusão, coletivos de engenheiras negras e debates sobre a necessidade de diversificar os espaços de produção de conhecimento. O reconhecimento tardio, como a homenagem do Google Doodle em seu 110º aniversário (2023), mostra que o Brasil está começando a confrontar o apagamento de seus próprios heróis e heroínas. Conhecer Enedina é entender que a luta por uma ciência e uma tecnologia mais justas e representativas não começou agora; ela tem raízes profundas na determinação de mulheres como ela.

Aplicação pedagógica:

* Referência legal: A história de Enedina Alves Marques é um material riquíssimo para o cumprimento da Lei 10.639/2003, que torna obrigatório o ensino de História e Cultura Afro-Brasileira. Sua trajetória permite abordar a contribuição negra para além da cultura e das artes, mostrando o protagonismo em áreas técnicas e científicas.

* Disciplinas:

* História: Para analisar o racismo estrutural no Brasil pós-abolição e as estratégias de resistência e ascensão social da população negra.

* Ciências/Física/Matemática: Para conectar conceitos teóricos (hidrelétricas, topografia) a uma aplicação prática e a uma história humana de pioneirismo.

* Sociologia/Filosofia: Para discutir temas como mobilidade social, meritocracia, preconceito de raça e gênero no mercado de trabalho e ética profissional.

* Artes: Para explorar seu impacto na construção de edifícios que hoje são patrimônio arquitetônico de Curitiba.

* Faixa etária recomendada: 8º e 9º anos do Ensino Fundamental II e Ensino Médio. Nessa fase, os alunos já possuem maturidade para compreender conceitos complexos como racismo estrutural, interseccionalidade (raça, gênero e classe) e o contexto político da Era Vargas e da Ditadura Militar.

* Sugestão de atividade: Dividir a turma em grupos e pedir que identifiquem três obstáculos específicos que Enedina enfrentou (ex: ter que trabalhar como doméstica para pagar a faculdade; o preconceito em uma sala de aula masculina; a desconfiança em um canteiro de obras). Para cada obstáculo, os alunos devem descrever uma ação ou decisão que ela tomou em resposta. Ao final, promover um debate: que outras opções ela tinha naquele contexto histórico? Por que as escolhas que ela fez foram tão impactantes?

* Pergunta geradora: A turma de Enedina na faculdade de engenharia tinha 32 alunos. Ela era a única mulher e a única pessoa negra. Como vocês imaginam que era a relação dela com seus colegas e professores? O que significa construir uma carreira de sucesso sem ter pares com quem se identificar?

****BLOCO 5 — Para ir mais fundo****

Livros

* NEVES, Georgiana; MONTEIRO, Livia. *Mulheres que Ensinam: Enedina Alves Marques*. Nova Escola, 2021. (E-book acessível online).

Documentários

* CASA FIAT DE CULTURA. *Pioneiras da Inovação: Enedina Alves Marques*. 2023. Disponível em: YouTube (<https://www.youtube.com/watch?v=LbydyZA1Ng8>).

Artigos em acesso aberto

* SANTOS, Lindamir. *Enedina Alves Marques: Uma Mulher Singular*. Documento acadêmico. Disponível via Scribd. (Uma das fontes mais detalhadas sobre sua cronologia).

* DUARTE, Andressa. "Enedina Alves Marques: conheça a primeira engenheira negra do Brasil". *G1 Paraná*, 13 jan. 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/pr/parana/noticia/2023/01/13/enedina-alves-marques-conheca-a-primeira-engenheira-negra-do-brasil.ghtml>

* CÂMARA BRASILEIRA DA INDÚSTRIA DA CONSTRUÇÃO. "Enedina Marques desafia padrões e revoluciona a engenharia no país". *CBIC*, 16 mar. 2023. Disponível em: <https://cbic.org.br/enedina-marques-desafia-padroes-e-revoluciona-a-engenharia-no-pais/>

* UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO (UNIFESP). *A vida e as contribuições de Enedina Alves Marques para Ciência e Tecnologias*. Repositório UNIFESP, 2022. Disponível em: <https://repositorio.unifesp.br/bitstreams/8f5e6693-57d4-4a8d-a394-2a9387cc6a3c/download>

****BLOCO 6 — Notas do pesquisador****

* Nível de confiança geral: MÉDIO-ALTO. A trajetória principal e as maiores conquistas de Enedina Alves Marques estão bem documentadas e são consistentes em múltiplas fontes secundárias e acadêmicas. O nível não é "Alto" devido a lacunas em sua vida pessoal e nos anos finais.

* Lacunas documentais:

* O local exato de seu falecimento (cidade, instituição) não foi encontrado.

* Informações sobre sua educação infantil e vida familiar (nomes dos pais, detalhes sobre os irmãos) são escassas.

* Detalhes quantitativos sobre seu impacto técnico (ex: número de projetos, capacidade exata das

obras) não estão disponíveis nas fontes consultadas.

* Sua vida após a aposentadoria, entre 1962 e 1981, permanece em grande parte não documentada.

* Natureza da escassez de fontes: APAGAMENTO HISTÓRICO. A falta de documentação detalhada sobre uma figura de sua importância não é acidental. É o resultado direto de um processo histórico que negligenciou e tornou invisíveis as contribuições de mulheres negras em áreas de poder e prestígio, como a engenharia. O resgate de sua história é recente e fruto de um esforço ativo de pesquisadores e movimentos sociais.

* Controvérsias historiográficas: Nenhuma controvérsia factual significativa foi identificada. Há um consenso sobre seu pioneirismo e suas principais realizações. A única pequena divergência encontrada foi sobre sua data de nascimento (13/01, segundo a maioria das fontes, versus 08/01, em uma fonte isolada), resolvida em favor da data mais corroborada.

* Observações para uso pedagógico: Ao apresentar Enedina, é importante não a retratar apenas como uma "heroína solitária". Sua história é uma oportunidade para discutir as estruturas que ela enfrentou. A incerteza sobre alguns dados de sua vida (como o local de falecimento) pode ser usada em sala de aula como um ponto de partida para discutir como a história é construída, quais vidas são documentadas em detalhes e quais são deixadas com lacunas. Isso transforma a falta de informação de um problema em uma ferramenta pedagógica sobre o apagamento histórico.

Documento produzido pela Equipe Biografia Preta com base em pesquisa verificada.

Nível de confiança da pesquisa: MÉDIO-ALTO

Data de produção: 24 de maio de 2024

Versão: 1.0

Mensagem da Biografia Preta

Aprofunde sua aula com as biografias e jogos da Biografia Preta.

Documento produzido pela Equipe Biografia Preta com base em pesquisa verificada.

Contato: contato@biografiapreta.com.br

Links: <https://biografiapreta.com.br>